ARQUEOLOGIA, ARQUITECTURA E PATRIMÓNIO (ACHEGAS PARA UMA COEXISTÊNCIA PACÍFICA)*

por

José d'Encarnação**

Resumo: Procura relacionar-se a arqueologia com a arquitectura, salientando-se como o carácter aparentemente antagónico das duas disciplinas se pode conciliar.

Palavras-chave: Arqueologia; arquitectura; património.

Desde meados do século XIX, pelo menos, que se tomou consciência da necessidade de arqueólogos e arquitectos terçarem armas, em conjunto, pela defesa do património, designadamente do património edificado, em que ambos, na verdade, tinham uma palavra a dizer – na interpretação, na valorização e na apresentação dos edifícios históricos ao público interessado.

Cedo se criaram, por isso, associações de classe que, para melhor defenderem os seus pontos de vista, reuniram arquitectos e arqueólogos. Assim aconteceu em Portugal, com o aparecimento da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, que chegou a publicar *Boletim de Architectura e Archeologia.*

Esse casamento, porém, não se antojava feliz; o divórcio veio depressa. E a história do relacionamento entre arqueólogos e arquitectos constitui, na verdade, até aos nossos dias – e, sem querer ser profeta de mau agoiro, certamente o continuará a ser no futuro – uma história de casamento e divórcio, pois que são diferentes as concepções e as mentalidades: o arquitecto põe a tónica no acto criativo, inovador; o arqueólogo propende mais para o passado, para a conservação da memória; o arquitecto quer deixar a sua marca, o arqueólogo quer preservar a marca dos outros...

---

* Constitui, em síntese, a comunicação apresentada, a 27-10-2000, em Évora, no 1º Congresso da Ordem dos Arquitectos.

** Universidade de Coimbra. Associação Cultural de Cascais.

Na verdade, Arqueologia é a ciência que estuda os vestígios materiais deixados pelo Homem na sua passagem pela Terra. Vestígios móveis e vestígios imóveis, sendo estes os que mais nos interessam aqui.

Tal como as camadas vulcânicas consolidadamente se depositam, assim as estruturas que o Homem construiu e depois abandonou ou transformou se transformam fisicamente em memória. Apodrece o madeiramento do telhado e as telhas aí vêm por junto; sobre elas se depositam terras, germinam sementes... e ao arqueólogo cabe "desfolhar" miudamente, de cima para baixo, esse livro. Desde a Pré-história até à actualidade. Por isso se fala de Arqueologia Industrial e o programa deste Congresso chega a referir a "salvaguarda da memória da arquitectura contemporânea".

Arqueologia é, definitivamente, passado.

Arquitectar, ao invés, projectar, criar... são conotações de futuro. No edifício, nos edifícios, na paisagem.

E ocorre, pois, a pergunta: poderemos conciliar as duas atitudes? Ao vermos o trabalhador que transforma em paralelepípedos as pedras que retirou do casal saloio; ao lobrigarmos de longe os arranha-céus da península de Tróia, a coexistirem com uma das mais significativas fábricas romanas de preparados de peixe – há dúvidas que pairam. No entanto, na Expo'98, a Torre Vasco da Gama conviveu com a torre da velha refinaria da Galp; o muro de pedra tosca das quintas de outrora vigiava o Gil de braços abertos; no pavilhão de Macau os ambiciosos projectos futuros traziam a capa da imortal fachada da igreja de S. Paulo, eterno ex-libris da cidade.

Conciliar tendências tem sido pomo de discórdia ao longo dos tempos. Criticaram-se, no século XVII, os palacetes dos brasileiros de torna-viagem – que são, hoje, monumentos imorredoiros; opôs Raul Lino, no final do século XIX, a sua traça de "casa portuguesa" às inglesices de um Palácio da Duquesa de Palmela, em Cascais, por exemplo; foi animado, na década de 80, o debate acerca das casas dos emigrantes...

No fundo, porém, a valorização da memória ganhou primado, dadas as suas vertentes económicas (é mais barato construir à maneira tradicional com os materiais mais abundantes na região), psicológicas (as "raízes", as referências potenciam o bem-estar) e turísticas, porque salientam a diversidade, num mundo a caminho da globalização... E daí que vamos até Matmata, à entrada do deserto na Tunísia, para nos deliciarmos com as casas "troglodítas", cavadas no chão; que nos quedemos encantados com a brancura, a dimensão humana e a limpeza duma rua de Estremoz; que nos apeteça respirar a longos haustos o verde das figueiras, das alfarrobeiras e das amendoeiras, salpicado de alvas moradias de chaminé à espreita no Barrocal algarvio...

Como agir, então? Que poderão fazer arqueólogos e arquitectos e em que domínios de acção?

1. *NA INTEGRAÇÃO*

O templo romano de Évora foi açougue, teve acrescentos. Hoje, despido de ornamentos outros, assume-se imponente, pela mão de arqueólogos e arquitectos, exemplo de um diálogo profícuo e de um entendimento eficaz, a que soube dar corpo – e honra lhe seja feita! – a equipa do Doutor Theodor Hauschild, que, com formação de arquitecto, se dedicou por inteiro à "arqueologia arquitectónica", digamos assim.

Existe em Nîmes, no Sul de França, a "Maison Carrée". Era "quadrada" a casa quando, na rua, todas as demais se apresentavam mal enjorcadas, incertos os prumos, onduladas as paredes. E quadrada era porque se fixara entre as colunas do templo romano dos primórdios do Império. Hoje, despojado o espaço derredor, surge também ele imponente em plena praça.

Achou-se fonte antiga em Oviedo: a Foncalada. Dos começos da Idade Média, num inconfundível e sereno estilo românico. Cresceram-lhe ao lado os arranha-céus. Mas a edilidade preservou a fonte e enquadrou-a no habitual passeio do cidadão.

2. *NA RECUPERAÇÃO*

A reabilitação de um edifício antigo requer trabalho concertado. É já política quotidiana manterem-se as fachadas das casas seculares, sem prejuízo de se lhes alterar o interior.

As casas velhas transmontanas, de piso térreo para os animais de outrora e sobrado para a vida familiar, certamente vão começar dentro em breve a manter-se tal e qual, depois de o arqueólogo local lhe ter inspeccionado paredes em busca de pedras romanas, medievais ou outras, em reaproveitamento. E o exterior permanecerá, independentemente do aquecimento central e do microondas...

Na Praia de Mira e na Tocha, os "palheiros" que resistiram vão certamente resistir mas tempo, porque assim o querem as autarquias e as populações.

No Nordeste transmontano, redescobriram-se os pombais que pontilhavam de branco as quebradas dos terrenos cerealíferos, porque, além do tipicismo que emprestam à paisagem, constituem de novo uma fonte de riqueza – que o saboroso arroz de pombo volta a ser prato típico, no momento em que, por outro lado, em boa hora se decretou "património" a gastronomia tradicional.

Recordaria, ainda, a Casa da Varanda, em Manique de Baixo (Cascais). Esteve prestes a ruir. Nos jornais locais clamou-se contra o "sacrilégio", pois era lídimo representante da arquitectura saloia, perfeitamente adaptada ao desnível do terreno. Foi difícil ao seu proprietário, Eugénio Inácio de Carvalho, convencer os pedreiros a manterem as paredes onduladas, o chão de lajedo com "degraus", o forno de cozer pão

na cozinha, as telhas de canudo à portuguesa; mas conseguiu e a Associação Cultural de Cascais houve por bem – assim como à casa de José Guedes, um pouco mais acima na mesma rua – atribuir-lhe um Prémio de Arquitectura Popular, por não terem sacrificado o tipicismo. Tarefa de arqueólogo, diríamos. Aliás, hoje, que por toda a parte se fazem condomínios fechados por causa da segurança, veja-se que a Casa da Varanda tem (in)discreto postigo sob a varanda de acesso ao andar de cima, dissimulado quase, que permitia à dona da casa vigilância permanente sobre quem entrava na aldeia. O "postigo da coscuvilhice"!...

E essas reabilitações trazem dividendos políticos – daí que sejam devidamente propagandeadas em painéis, com logotipos das entidades em adequada evidência...

3. *NA REINSTALAÇÃO*

Aquando da construção da barragem de Assuam, no Egipto, diversos monumentos foram literalmente "transplantados" para outro local. Inclusive numa das salas do Metropolitan Museum of Art, de Nova Iorque, se mostra templete que, pedra a pedra, de lá veio e ali se reinstalou.

Mais perto de nós, nas proximidades de Zamora, a igreja visigótica de S. Pedro de la Nave, que, sita na margem esquerda do Esla, afluente do Douro, iria ficar submergida pela barragem de Ricobayo, foi também ela transplantada pedra a pedra para uma localidade vizinha, "bajo la dirección historico-artistica de Don Manuel Gomez Moreno y la tecnica del arquitecto Don Alejandro Ferrant 1930-1932", como reza a lápida comemorativa.

Ao rasgar-se a auto-estrada perto de Nîmes, topou-se uma jazida arqueológica. Intervieram os arqueólogos, fez-se museu de sítio, gizou-se a área de serviço de Caissargues. E também para aí se mudou a imponente fachada do teatro municipal da cidade, que um bombardeamento deixara arruinado e sem remédio; mas a fachada ali está, como que a vigiar Nîmes, lá ao fundo...

Nas paredes há pedras com letras. Eloquentes inscrições romanas reaproveitadas em épocas posteriores. E as placas azulejadas que, na década de 50, o Automóvel Clube de Portugal deliberou mandar colocar à entrada das povoações mais importantes, identificando-as e sinalizando os itinerários principais. Mesmo que os edifícios que as ostentam sejam demolidos, há-de haver por parte do arquitecto e do proprietário e das autarquias o empenho imprescindível para que essa marca de um passado ainda não muito longínquo, mas importante, se não perca impunemente.

4. *NA REUTILIZAÇÃO*

A reutilização dos monumentos antigos torna-se imprescindível. E se todos, hoje, reclamamos contra os maus tratos que a Direcção-Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais permitiu em relação a castelos que "viraram" pousadas, verificamos que auspiciosos arrebóis se vislumbram, aqui e além, no horizonte. A recente instalação de um restaurante nos altos do Palácio da Pena, aproveitando um espaço que estivera sem qualquer uso, é exemplo a considerar.

No teatro romano de Plovdiv, na Bulgária, podemos deliciarmo-nos hoje com a representação da "Aïda" de Verdi; e o de Segóbriga, na vizinha Espanha, é palco de tragédias gregas. O anfiteatro de Nîmes, liberto das casas que lhe pejavam o espaço sob as bancadas, assume-se como praça de touros e cenário de grandes concertos musicais.

Em Perúsia, come-se no restaurante que mantém as muralhas etruscas; em Plovdiv, as mesas de um outro convivem com os muros do século IV e as autênticas ânforas romanas ali achadas; em Tarragona, toma-se um copo sob as arcarias do circo do Alto Império...

Enfim, um pouco por toda a parte, a comunhão de arqueólogos e de arquitectos na valorização da memória.

5. *NA RECONSTITUIÇÃO*

Esse diálogo é, porém, necessariamente mais urgente quando se pensa na consolidação e na reconstituição dos edifícios antigos, mormente da época romana e medieval.

Na *villa* romana de S. Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira), estudaram-se as argamassas, as dimensões dos tijolos, a sua tipologia – e pediu-se a um telheiro local que os fabricasse à moda antiga.

A consolidação dos muros de outra *villa* romana, a de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais) foi estudada por arqueólogos e pelos pedreiros locais; e o seu Plano de Pormenor, visando valorizar a envolvência, foi elaborado em estreita comunhão de arquitectos e arqueólogos. Mas já, nesse mesmo concelho, obras como a do Centro Cultural (Casas Velhas do Gandarinha) ou a reabilitação do Forte de Oitavos, na orla marítima cascalense, teve a primeira a intervenção dos arqueólogos, que, no momento de se passar à fase de execução da obra, foram prontamente proibidos de intervir; quanto à segunda, nem sequer foram consultados...

6. *NA MUSEALIZAÇÃO*

Preserva-se para mostrar, para usufruto cultural por parte da população. Daí que "musealização" seja, na actualidade, uma palavra-chave.

Em Benavente, o antigo matadouro municipal, construído em 1890 e ora desactivado, foi transformado em Núcleo Agrícola do Museu Municipal. "Mais do que uma proposta de musealização de um espaço relevante no quadro do Património Industrial concelhio", lê-se no desdobrável explicativo, "apresenta-se uma exposição que assume em pleno a vivência rural desta região". E o visitante é aliciado a viagem num tempo do "calendário agrícola"...

Em Loulé, uma fábrica de moagem de alfarroba constitui hoje, mantendo-se-lhe a traça, o Pólo Museológico dos Frutos Secos – e é um encanto ver a pequenada pôr em movimento os engenhos de descasque das amêndoas e saborear-lhes os miolos depois, pois então!

Em Oeiras, o reconstituído lagar de azeite da Quinta do Marquês, que passou para a gestão camarária, transformou-se, a dado passo, em simpática galeria de exposições de arte, sendo a primeira, em Junho de 1993, por iniciativa de João Miguel Lameiras, enquadrado no Sector de Acção Cultural, *História(s) do Azeite* – um êxito singular.

E se já nos finais do século passado, na Citânia de Briteiros, Francisco Martins Sarmento quis reconstruir as casas redondas dos "Lusitanos", em Conimbriga a Casa dos Repuxos foi recentemente coberta por inovadora estrutura metálica, que protege mosaicos e frescos e possibilita interessante visita sobre plataformas ligeiras – de tal modo que a estrutura vermelha mal se sente.

Algo de integração paisagística queremos fazer – e está pensado – para as já referidas *villae* de S. Cucufate e de Freiria. Tal como se fez em *Lucentum,* na Costa del Sol espanhola, onde serenamente convivem as torres veraneantes e a plataforma em que muros velhos, sabiamente consolidados e restaurados, dizem das raízes antigas do burgo cosmopolita.

Memória, tradição, a sabedoria dos povos... Acumuladas – qual lava de vulcão – ao longo de milénios. Ora carinhosamente reabilitada, num estreitar de mãos... Na certeza de que, só com as raízes presas na fecundidade desta água, a árvore da criatividade crescerá, sem riscos de tombar!

Foto 1 – *Villa* romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais): as sucessivas ocupações das termas grandes do sul, inclusive por nelas, na Idade Média, ter sido instalado um forno (em primeiro plano), obrigaram os arqueólogos a deixar, durante várias campanhas, um testemunho (canto superior esquerdo da foto) – para lhes permitir compreender melhor a evolução arquitectónica registada. [Foto de Guilherme Cardoso].

Foto 2 – As casas antigas são, em geral, boas... "pedreiras" à mão de semear. Na foto, o casal saloio de Freiria a ser transformado em paralelepípedos. Os arqueólogos identificaram nos escombros fustes de colunas romanas reutilizadas. [Foto de Guilherme Cardoso].

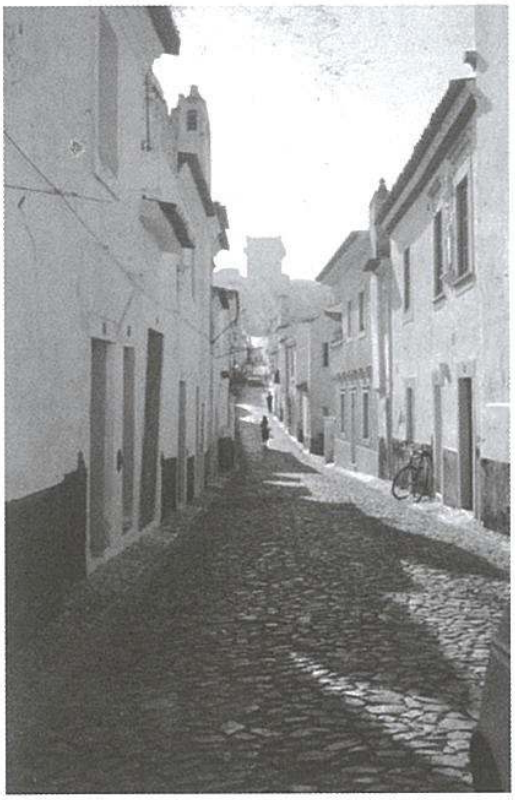

Foto 3 – Rua de Estremoz, em Agosto de 1977. Quedamo-nos encantados com a brancura, a dimensão humana e a limpeza... A manutenção dos traçados tradicionais mantém a "alma" dos sítios. E nessa preservação arqueólogos e arquitectos deverão estar de mãos dadas. [Foto de J. d'Encarnação].

Foto 4 – A Casa da Varanda, em Manique de Baixo (Cascais), antes da recuperação, que lhe mereceria, por parte da Associação Cultural de Cascais, a atribuição de um Prémio de Arquitectura Popular, por não terem sacrificado o tipicismo. [Foto de Guilherme Cardoso].

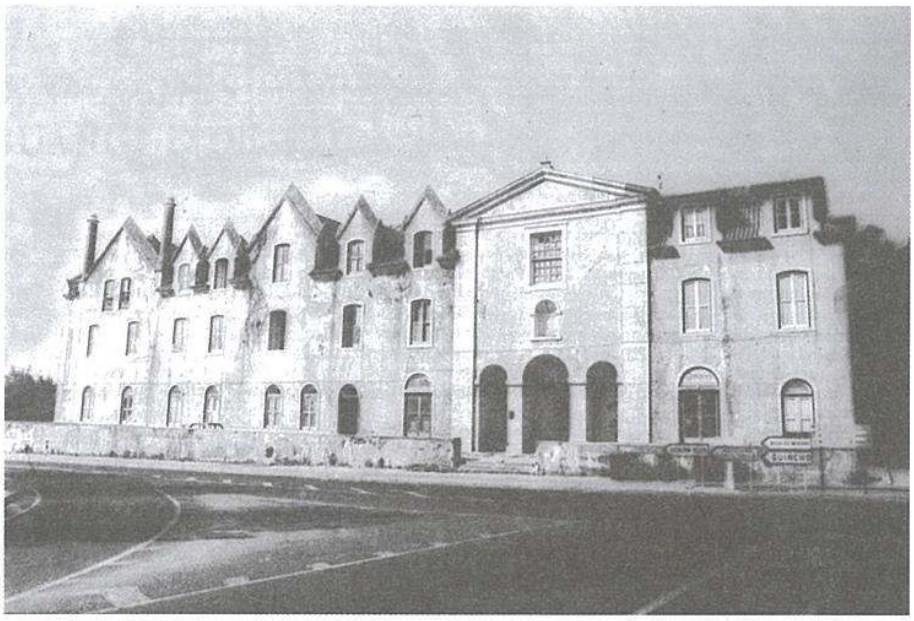

Foto 5 – Centro Cultural de Cascais (Casas Velhas do Gandarinha): na sua reabilitação, intervieram primeiro os arqueólogos; no momento de se passar à fase de execução da obra, foram prontamente proibidos de emitir opinião. [Foto de Guilherme Cardoso].

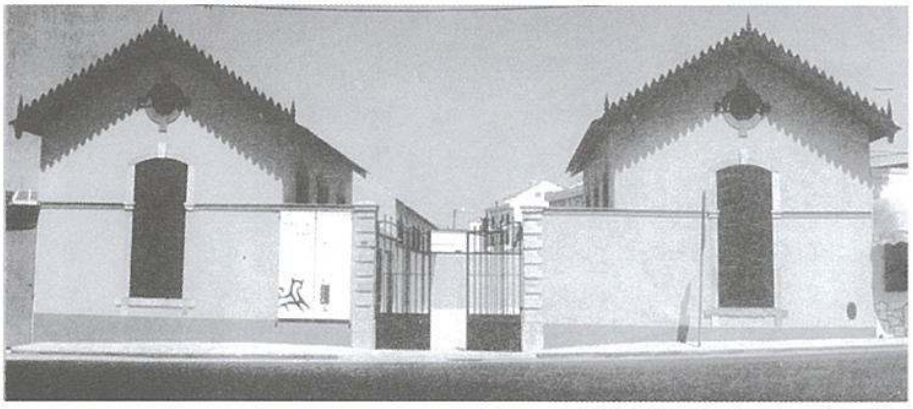

Foto 6 – Em Benavente, o antigo matadouro municipal, construído em 1890 e ora desactivado, foi transformado em Núcleo Agrícola do Museu Municipal. [Foto CMB].

Foto 7 – Estruturas em que assentava o celeiro da *villa* romana de Freiria. [Foto de Guilherme Cardoso].

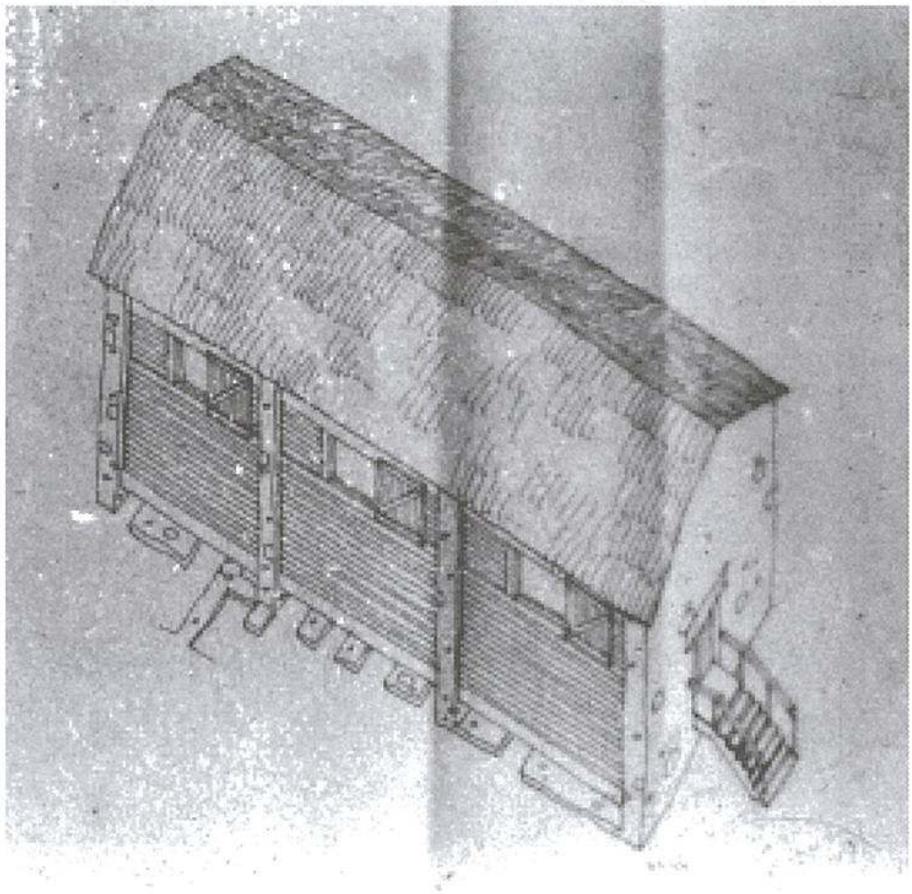

Foto 8 – Proposta de musealização do celeiro de Freiria (aspecto exterior) apresentada pela equipa da Arquivisão.